



## OS 67 ANOS DE "A DEFESA NACIONAL"

**Therezinha de Castro**

*Professora de História no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, e  
Geógrafa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE.*

*Palavras proferidas por ocasião das comemorações do  
67º aniversário de A Defesa Nacional, quando foi inaugura-  
da na sede da revista a galeria de fotografias de seus fun-  
dadores.*

No dia 10 de outubro de 1913, como expressão do espírito patriótico, do idealismo, do entusiasmo varonil de um grupo de jovens oficiais do nosso Exército, nascia, nesta cidade do Rio de Janeiro, "A DEFESA NACIONAL".

A 10 de outubro de 1980, eis-nos reunidos para comemorar condignamente a efeméride. E o fazemos inaugurando o retrato dos que desfraldaram esta bandeira que há 67 anos ininterruptos tremula no horizonte cultural da nossa Pátria.

Contemplemos os semblantes dos nossos homenageados, que refletem as características físiopsicológicas de cada um; todos diferentes, constituindo, entretanto, um só corpo moral, pois que em seu coração, abrasado por igual amor, flamejava o mesmo e nobilíssimo ideal.

Foram chamados na sua época de "jovens turcos" em razão de certa afinidade de seu espírito renovador e pro-

gressista com o dos seguidores de Midhat Pasha, o introdutor da mentalidade ocidental em seu país.

Também queriam, pelo que se lê no editorial do primeiro número da revista, lutar pelo soerguimento das nossas instituições militares, pela organização de um exército regular, que até então não existia; e para isso torná-lo deveras eficiente.

Tal *desideratum* supunha iniludivelmente a intelectualização da oficialidade. E para isso se esperava contribuisse decisivamente uma revista em que se não amordaçasse o pensamento, cuja tônica fosse, a par do verdadeiro patriotismo, "o espírito de tolerância e de camaradismo"; e em cujas páginas se exercesse, construtivamente, o espírito de crítica, sem retaliações pessoais, de modo justo, racional, sensato e digno.

No nome escolhido para essa nova trincheira — ou tribuna literária — se refletiria de certo a influência da "Cidade

Luz", em nossa formação cultural. É que fora esse, o de "Defesa Nacional", o nome que tomara o governo francês de setembro de 1870 a fevereiro de 1871, após a revolução parisiense provocada pela derrota de Sedan. De resto era então comum dizer-se em França estar "a pátria em perigo"; daí a generalização do termo "Defesa Nacional".

Não se adotou, porém, a expressão no sentido de ataque ou de ofensa, mas no da preservação dos valores culturais da nacionalidade.

Manda a verdade que se diga terem vindo a lume muitas outras publicações; e manda a justiça que se assinale ter sido "A DEFESA NACIONAL" a única que sobreviveu. E há quase sete décadas af está, fiel ao seu programa, sempre se aprimorando, obediente à ordem de marcha com que se finalizou o editorial-programa do número inicial: "En avant!"

Seria válida, por certo, a idéia de se homenagear os 13 pioneiros lendo-lhes o *curriculum vitae*.

Todavia, mesmo sintetizando, nos dedicaríamos em cada fé-de-ofício nada menos do que cinco minutos...

Ultrapassaríamos, pois, o tempo permitido pelas normas da retórica.

Ademais não o faríamos sem diminuir o brilho de uma homenagem que desejamos a mais perfeita possível; por isso que nesses assentamentos, civis ou militares, não se lograria jamais captar sequer uma réstia de luz fulgurante de tão altos espíritos.

Eles transcendem hoje a materialidade das letras, o laconismo e a frieza dos registros; já se transferiram para o altiplano dos que se libertaram das limitações temporais.

Concentrando-nos, pois, na recordação de cada um, estarão presentes espiritualmente pelo modo por que o per-

mitir a Misericórdia Onipotente; especialmente o antigo Presidente da Fundação Osório, o saudoso Marechal Estevão Leitão de Carvalho, que me abriu, naquele educandário, as portas do magistério; e aqueloutro cujo filho, desdramamento e continuação de sua personalidade no tempo e no espaço, desempenha atualmente, com tanta dignidade e tanto brilho, o cargo de Diretor-Presidente e Redator-Chefe d'A DEFESA NACIONAL: o ilustre Sr. General Diogo de Oliveira Figueiredo. Em sua pessoa reverenciamos e aplaudimos todos os homenageados deste dia.

Todavia, antes de passarmos ao ato mais solene desse nosso preito à memória dos numes tutelares desta Casa, permiti-me, finalizando, recordar ligeiramente, numa ordem mais elevada de idéias, a real e mais profunda significação — digamos ontológica — do nome de alguém.

Que vem a ser a palavra com que designamos uma pessoa ou a representamos mentalmente diante de nós?

Mencionando ou ouvindo um nome, surge-nos na lembrança a pessoa completa, tudo o que dela soubémos, e o que para nós significa.

Aliás, numa transposição de escala ensejada pela associação de idéias, valeria lembrar que, no plano espiritual, se identifica o Sagrado Nome de Deus com o próprio Ser Divino.

Mas não nos adentremos demasiadamente nesse terreno de considerações metafísicas, mesmo porque, a rigor, nem se faz mister justificar o delicado costume de declinar, como vamos fazer, o nome dos que desejaríamos também fisicamente presentes para os honrar como merecem.

Diante dos seus retratos, rendendo à sua memória o culto da nossa reverên-

cia e da nossa gratidão, elevemos o pensamento numa súplica silenciosa por que sempre nos anime, a nós também, os continuadores de sua obra, aquela mesma fé, o acendrado civismo de que tantas provas deram, e que "A DEFESA NACIONAL" tanto deseja inculcar no coração de quantos hoje se orgulham do glorioso Exército de Caxias.

E, na suprema eloquência do silêncio...

Estevão Leitão de Carvalho  
Mário Clementino de Carvalho

Joaquim de Souza Reis Netto  
Bertholdo Klínger  
Francisco de Paula Cidade  
Brasílio Taborda  
Epaminondas de Lima e Silva  
Cesar Augusto Parga Rodrigues  
Euclides Figueiredo  
José Pompeo de Albuquerque Caval-  
cante

Francisco Jorge Pinheiro  
Amaro de Azambuja Villa Nova  
José dos Mares Maciel da Costa

Jamais sereis esquecidos!